

COLABORAÇÕES QUE EMERGEM DA CULTURA PARTICIPATIVA NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS TRANSMÍDIAS

COLLABORATIONS EMERGING FROM PARTICIPATING CULTURE IN TRANSMEDIA NARRATIVES
PRODUCTION

COLABORACIONES QUE SURGEN DE LA CULTURA PARTICIPANTE EN LA PRODUCCIÓN DE
NARRATIVAS TRANSMEDIA

Eber Gustavo Gomes

Doutorado em Educação Matemática e Tecnológica - Edumatec/UFPE.

E-mail: ebermatematico@gmail.com

Ana Beatriz Gomes Carvalho

Professora Associado 2 do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da
Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: anabeatrizgpc@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação de Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC) – UFPE e no Grupo de Pesquisa Mídias Digitais e Mediações Interculturais. O objetivo deste artigo é apresentar as contribuições que emergem da cultura participativa dos aprendentes do Ensino Médio ao criarem Narrativas Transmídias (NT), em temas transversais. Como teoria que sustenta o objeto deste trabalho, adotamos a ‘Cultura da Convergência’, de Jenkins (2009), que aponta as tecnologias massivas e interativas como convergentes, e não sobrepostas. Dela, surgem as NT, como forma de narrar histórias em várias plataformas de mídias. Este estudo é do tipo qualitativo e, como método, adotamos o cartográfico, que analisa os percursos dos aprendentes em suas NT, contemplando a cultura participativa. A coleta de dados das etapas do processo de produção de NT foi realizada a partir de entrevistas, da análise das mídias criadas e de seu discurso. Os resultados surgiram de forma rizomática e a elaboração de NT caracterizou-se pelo uso de uma pluralidade de mídias, em uma complexa dinâmica de colaboração em rede, com o uso de tecnologias digitais da informação e comunicação.

Palavras-chave: Cultura participativa; Colaboração em rede; Narrativa transmídia.

ABSTRACT

The present work is a clipping of a doctoral research developed in the Graduate Program of Mathematical and Technological Education (EDUMATEC) - UFPE and in the Research Group Digital Media and Intercultural Mediations. The purpose of this paper is to present the collaborations that emerge from the participatory culture of High School learners in creating Transmedia Narratives in transverse themes. As a theory that supports the object of this research, we adopted Jenkins (2009). Convergence Culture by pointing out the massive and interactive technologies converging and not overlapping, and from it emerges as a way of narrating stories with various platforms of media. This research is qualitative and as a method, we adopt the cartographic when analyzing the pathways of the learners in producing their NT, contemplating the participatory culture. Data collection of the stages of the construction process was performed through interviews and analysis of the media produced and through discourses. The results emerged rhizomatically and the construction of the NT process was characterized by the plurality of media, providing a complex

dynamic of network collaboration with the use of digital information and communication technologies in the construction process.

Keywords: Participatory culture; Network collaboration; Transmedia storytelling.

RESUMEN

Este artículo es un recorte de una investigación doctoral desarrollada en el Programa de Posgrado de Educación Matemática y Tecnológica (EDUMATEC) - UFPE, y en el Grupo de Investigación de 'Medios Digitales y Mediaciones Interculturales'. El objetivo del estudio es presentar las contribuciones que surgen de la cultura participativa de los estudiantes de secundaria en la creación de Narrativas Transmedia (NT) basadas en temas transversales. Como teoría que respalda el objeto de esa investigación, adoptamos la 'Cultura de la Convergencia', de Jenkins (2009), que señala que las tecnologías masivas e interactivas convergen entre sí, y no se sobreponen. De ella, surge la NT como forma de narrar historias, en innumerables plataformas digitales. La investigación es cualitativa y adopta como método la cartografía, que analiza los recorridos de los estudiantes en sus NT, en atención a la cultura participativa. La recolección de datos de las etapas del proceso de producción de NT, se realizó a partir de entrevistas, del análisis de los medios en los cuales ellas fueron creadas y de su discurso. Los resultados surgieron de forma rizomática y la elaboración de NT se caracterizó por el uso de una pluralidad de medios, en una compleja dinámica de colaboración en red, con el uso de tecnologías digitales de información y comunicación.

Palabras-clave: Cultura participativa; Colaboración en red; Narrativas transmedia.

INTRODUÇÃO

O conteúdo midiático oferece uma pluralidade de alternativas aos sujeitos que emergem de comunidades de fãs, na discussão de determinadas temáticas. O protagonismo dos fãs vai além da interpretação textual, pois eles discutem nas redes, analisam as informações e opinam sobre elas, a partir de compartilhamentos de arquivos, o que contribui para acelerar a aprendizagem e faz com que a transição seja fator primordial nas leituras críticas. Os sujeitos geram releituras de fatos e/ou informações, que favorecem novas possibilidades de redes discursivas e transformam as comunidades de fãs em um novo espaço de convívio social e de trocas constantes (MASSAROLO; MESQUITA, 2014).

Tomando esse cenário como referência, a cultura participativa tem como perspectiva as relações rizomáticas, onde não vemos mais hierarquizações entre os sujeitos; nela se rompem os paradigmas da 'convergência corporativa'. É através da interatividade e da participação que os fãs se organizam, se apropriam e transformam — em colaboração — os conteúdos midiáticos, na sociedade em rede e líquida (BAUMAN, 2009; CASTELLS, 2009). Esse processo se dá em função da interação, cooperação e reelaboração em rede do texto ficcional, que resulta em uma produção inacabada e em construção constante. O texto é aberto e sujeito a múltiplos olhares, muitas vezes

fragmentados, que não se relacionam apenas com o texto ficcional, mas também com o contexto cultural dos fãs, em um trabalho em constante progresso.

Deste cenário característico da cultura digital, surge a Narrativa Transmídia (NT) que atende a algumas características básicas, incluindo a oferta de uma história prévia da narrativa, de um mapa do mundo retratado, de pontos de vista de outros personagens participantes da ação e que dependem da interação dos usuários/fãs para seu desenvolvimento.

Tomando como base esses elementos, Jenkins (2009) assinala que uma NT, para ser considerada como tal, deve combinar dois elementos primordiais, que acabam por gerar um terceiro: uma intertextualidade radical e a multimodalidade, visando a criação da compreensão aditiva. Então, o universo de NT surge a partir do consumo de mídias pelos sujeitos.

A cultura da convergência mostra que as tecnologias interativas não se sobrepõem às massivas, mas apresentam uma convergência entre elas. Baseadas nestas questões, as NT favorecem a cooperação entre os protagonistas da atividade de produção, através da convergência tecnológica e da cultura participativa, revelando também possibilidades de inteligência coletiva.

As NT surgem através de lacunas da narração inicial e se caracterizam pelas migrações de mídias entre os sujeitos, com o objetivo de contar novas histórias e/ou completar as lacunas das narrações iniciais, o que realizam por meio de vídeos, discussões nas redes, possibilidades de games, paródias, blogs etc. A diferença das NT respeito a outras narrativas é que ela se divide em partes, veiculadas por diferentes meios de comunicação (JENKINS, 2009; CANNITO, 2010; GOSCIOLA, 2012).

Entre as discussões sobre as NT, Gosciola (2012) mostra o que ocorre no procedimento de transmídiação, que provoca nos sujeitos uma reflexão sobre o processo de construção/produção de NT; estabelece conexões entre as histórias e estimula os sujeitos a buscar e gerar outras narrativas.

Narrativas transmídias

Na NT, cada sujeito, utilizando-se das mídias, faz o seu melhor. Uma história pode ser iniciada por um filme, expandir-se através da televisão, livros e quadrinhos; pode ser

explorada e vivenciada também, em um game. Você não precisa assistir ao filme para jogar um game, e vice-versa (JENKINS, 2009).

Desde que o som gravado se tornou uma possibilidade, continuamos a desenvolver novos e aprimorados meios de gravação e reprodução do som. Palavras impressas não eliminaram as palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso, que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o velho paradigma da revolução digital. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mas, propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias (JENKINS, 2009, p. 41).

A proposta não é unificar as diversas mídias, mas relacioná-las, possibilitando coexistências, assim como ocorre com os papéis de emissores e receptores, que se misturam nas relações com elas. Com este olhar, Jenkins (2009, p. 29) enfatiza:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação, entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando [...] A convergência não poderá ser compreendida como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos.

Como podemos observar, a convergência não se resume apenas em transformar histórias em plataformas/mídias diferentes, mas contempla formas de transitar nas diversas mídias.

Resende (2013) define NT como uma proposta de narrativa que é elaborada através de várias plataformas diferentes, desde que possibilite ao público interações sobre o que é apresentado pelos participantes. Isso gera uma relação de trocas durante a construção, que dinamizam as produções deste universo transmidiático.

Uma outra caracterização da NT é contemplada na visão de Massarolo e Mesquita (2013):

O mundo de histórias da narrativa transmídia promove a imersão das audiências em novas formas de experiências, nas quais as histórias mais significativas reforçam a noção de pertencimento a um universo narrativo mais amplo. Assim, uma história ao ser desdobrada para outras mídias é compartilhada por novas audiências. [...] a NT oferece em cada mídia experiências de mundo que sejam

únicas e exclusivas, desde que esse mundo seja estruturado de forma coesa e coerente (MASSAROLO; MESQUITA, 2013, p. 36).

Quando os sujeitos conseguem transitar entre as diversas mídias, caracterizando a intermedialidade, suas NT oferecem, em cada mídia, novas experiências de mundo, que fortalecem as construções cognitivas já assimiladas no percurso do letramento midiático.

Neste sentido, Gosciola (2012) discute as NT com o objetivo de possibilitar novas reflexões teóricas, afirmando que:

Espera-se chegar a uma produção textual que reporte e reflita o exercício de transmídiação, e que com isso se compreenda como caracterizar o personagem, revelar ou ocultar as motivações do personagem e as imagens, como demonstrar o relacionamento de quem o diz com cada outro personagem, como tornar as narrativas conectivas, ou seja, cada narrativa convida o vivenciador (no caso é preferível utilizar esse termo a jogador, interator, ou outro similar) a procurar uma nova narrativa e/ou um novo meio de comunicação, como o vivenciador pode ajudar a conduzir a ação, como um meio em uma narrativa pode melhor alternar, elucidar o que acabou de acontecer e anunciar o que vai acontecer (GOSCIOLA, 2012, p. 132).

Assim, Gosciola (2012) apresenta as NT como uma produção que, no decurso de la transmídiação, leva o sujeito à reflexão, caracterizando os personagens e suas reais motivações com outros personagens e favorecendo as conexões entre as narrativas.

Por sua vez, Massarolo e Mesquita (2014) assinala que o discurso de uma NT nunca coincide com a história da narrativa, pois a visão total é resultante de contribuições de cada NT, ou seja, o todo é maior que a soma das partes.

Outra caracterização das NT nos diz que estas são concebidas a partir de suas 'brechas', consideradas campos férteis para novas elaborações. Trata-se de narrativas feitas pelos usuários que apresentam, sobretudo, falhas nas gravações e/ou continuidades de cenas, não mostradas na 'narração oficial'. Tais 'brechas' são essenciais para a migração das construções de NT, feitas pelos autores e percebidas pelo público. Deste modo, as propostas de NT baseiam-se na autoria compartilhada e permitem a interação dos sujeitos com o texto ficcional e, muitas vezes, com a própria obra em andamento (GEOFFREY, 2007). (JENKINS, 2009).

Transdisciplinaridade como alternativa para o ensino disciplinar

As disciplinas apresentadas de forma isolada não farão com que o sujeito se dê conta das demandas sociais e atuais do mundo. A escola precisa oportunizar novas

possibilidades para os aprendentes refletirem sobre o papel da sustentabilidade, energias renováveis, saneamento básico, expectativa de vida, aquecimento global, que são aspectos que interferem diretamente em suas vidas.

Precisamos construir significados, de forma transdisciplinar, pensando na educação como um todo. Para isso, é necessário ampliar a visão da educação, não apenas do ponto de vista metodológico, para desenvolver as habilidades e competências dos alunos, mas, também, em relação a diferentes dimensões do ser humano, que contemplem a sua complexidade e o contexto da cultura digital. O grande problema é que ainda se evidencia a separação das disciplinas e a fragmentação das suas partes. Isso é muito forte nas práticas educacionais cuja compreensão de aprendizagem ainda é cartesiana. Nesse caso, a escola não reconhece a complexidade da aprendizagem; desconsidera o sujeito e a sua complexidade, exclui inclusive a sua subjetividade, priorizando apenas os conteúdos estabelecidos. Logo, o conhecimento fica cada vez mais restrito, visto que, no processo de conhecer, ser, fazer e con(viver), torna-se necessária a convivência humana.

Buscamos em Freire (1996) a possibilidade da educação através do diálogo, imprescindível à aprendizagem dos sujeitos enquanto sujeitos autônomos, reflexivos e ativos no processo educacional. Moran, Masetto e Behrens (2000) caracterizam as diferenças entre educação e ensino. Para ele, o ensino enfatiza as questões mais voltadas aos conteúdos e às disciplinas, de forma estanque e fragmentada, típica do pensamento cartesiano. Este autor aponta a educação como algo que vai além das disciplinas, algo que constrói significado para os aprendentes, orientando-os em uma perspectiva cidadã, social e integral.

Estas reflexões fortalecem uma educação que resgata o diálogo entre os elementos integrantes da vida: indivíduo/sociedade/natureza; uma educação que “resgate a valorização da vida no seu sentido mais amplo, e em especial, a reconheça nos ambientes de ensino e aprendizagem, percebendo-o como obra sempre aberta que se autoecoorganiza sempre que necessário” (MORAES, 2015, p.21).

Assim, devemos pensar na promoção de estratégias didáticas criativas, inovadoras; em metodologias de aprendizagem significativas, sobretudo com o uso de TDICs; em uma educação que integre o conhecimento experiencial dos alunos, visto que a aprendizagem implica processos de natureza complexa que normalmente são ignorados.

Sabemos que a concepção cartesiana que protagonizou as abordagens conservadoras e disciplinares já não dá conta das necessidades atuais. Em contrapartida, apontamos a transdisciplinaridade, como concepção educacional e como cerne na relação sujeito/objeto, com suas relações epistemológicas e metodológicas.

A transdisciplinaridade surge a partir da compreensão da Teoria da Complexidade, como contraponto ao pensamento cartesiano. Ela surge com mudanças paradigmáticas das ciências, no início do século XX. No paradigma tradicional, o que prevalecia era a separação entre sujeito e objeto, e a fragmentação. Tais fragmentações impedem as compreensões integradas, complexas e transdisciplinares.

Metodologia

Este estudo foi realizado em uma escola pública da cidade de Jaboatão dos Guararapes. Os participantes foram os alunos do 1º ano do Ensino Médio. Neste momento de intervenção, o protagonismo foi dos aprendentes, que trabalharam temas transversais, a partir do filme *Preciosa*. Foram seis grupos com 3 alunos cada um. Eles compuseram as NT a partir da mediação docente, em um tempo de três semanas. Neste período, houve um debate sobre os problemas socioeconômicos que o filme revela. A partir disso, surgiu o recurso de transmediação nos grupos. A produção das NT revelou contribuições que emergiram da formação da cultura participativa.

Esta pesquisa é de natureza predominantemente qualitativa e inspirada no método cartográfico, caracterizado pelo estudo descritivo que se fundamenta na subjetividade e nas relações com o contexto social e humano.

Para o estudo da natureza do trabalho, consultamos a obra de Deleuze e Guattari (1995) em que os autores discutem o “rizoma” enquanto modelo de pensamento, como proposta metodológica que nos remete ao conceito de cartografia voltada à investigação. Os autores consideram, entre muitas possibilidades de estudos quantitativas e qualitativas, o método cartográfico, que revela dados com ampla diversidade, identifica realidades, descreve a forma como se expressam suas organizações e sistematizações com vieses transversais, de forma complexa — muitas vezes, com dificuldades para abarcá-las numa explicação reduzida e que transforme os resultados em textos lineares (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

A cartografia é aqui discutida como método de pesquisa-intervenção, com o objetivo de orientar o trabalho do investigador. Não com regras pré-estabelecidas e/ou estruturas idealizadas, mas como forma de rever os métodos já formalizados e superados por um percurso que considere os efeitos do processo de pesquisa (PASSOS; BARROS, 2015).

Baseada nestas afirmativas iniciais, a averiguação se caracteriza por construir um mapa do percurso dos sujeitos, a partir da cultura da convergência de Jenkins (2009), para evidenciar a cultura participativa.

A pesquisa-intervenção é inerente à prática do método cartográfico e tem por objetivo possibilitar formação de espaços de problematizações coletivas; produz um novo saber e fazer educacional, a partir de indagações participativas, feitas com a intenção de entender a coletividade, na perspectiva qualitativa.

É importante destacar que, na pesquisa-intervenção, a relação do estudioso com o objeto é dinâmica, o que pode determinar a autonomia de quem indaga e os caminhos da sua busca; a produção emerge de um grupo envolvido ou dos sujeitos participantes, e se caracteriza pela ação, construção e reflexo do trabalho coletivo (AGUIAR; ROCHA, 1997).

Esta atividade precisou passar por intervenções para que ocorresse a transmidiação. Entretanto, o recorte que apresentamos neste artigo refere-se ao momento em que foram discutidas questões transdisciplinares a partir do filme *Preciosa*, questões essas formuladas em debates, reflexões e pensamento no processo de transmidiação.

Portanto, como instrumentos de coleta de dados, adotamos as entrevistas e análises de vídeos dos sujeitos, que foram compartilhadas na rede YouTube. Em seguida, como método de análise, utilizamos a Análise de Discurso (AD), que tem na sua estrutura, a análise de teoria e método, e não se limita apenas às técnicas. Isso se concretiza pela não-passividade dos instrumentos, pela apropriação de um determinado conhecimento relacionado a outra área (PÉCHEUX, 1997).

Resultados

Quando pensamos analisar a Cultura Participativa, nossa proposta foi a de apresentar como os sujeitos adotaram novas perspectivas no processo de construção do

conhecimento, após o surgimento da Internet. Analisamos o estabelecimento de relações entre os sujeitos para a elaboração das NT, apresentando separadamente as “colaborações” das “colaborações em rede” (a diferença foi definida a partir do uso de aplicativos que favorecem as contribuições em rede).

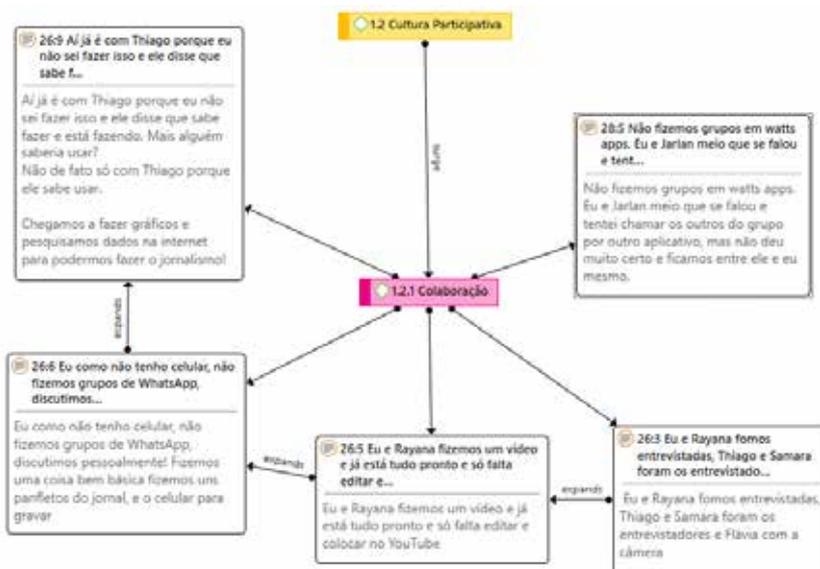
Colaborações

Surgem quando os sujeitos se unem para a execução da tarefa, a partir de encontros presenciais, seja na escola ou seja em outro espaço, para a socialização do percurso da produção.

- Colaborações que emergiram na categoria da Cultura Participativa, baseadas nos temas transversais socioeconômicos

Discutiremos os sujeitos que, nesta etapa, aportaram colaborações baseadas em temas transversais.

Figura 1: Colaborações que emergiram das NT, baseadas em temas transversais.



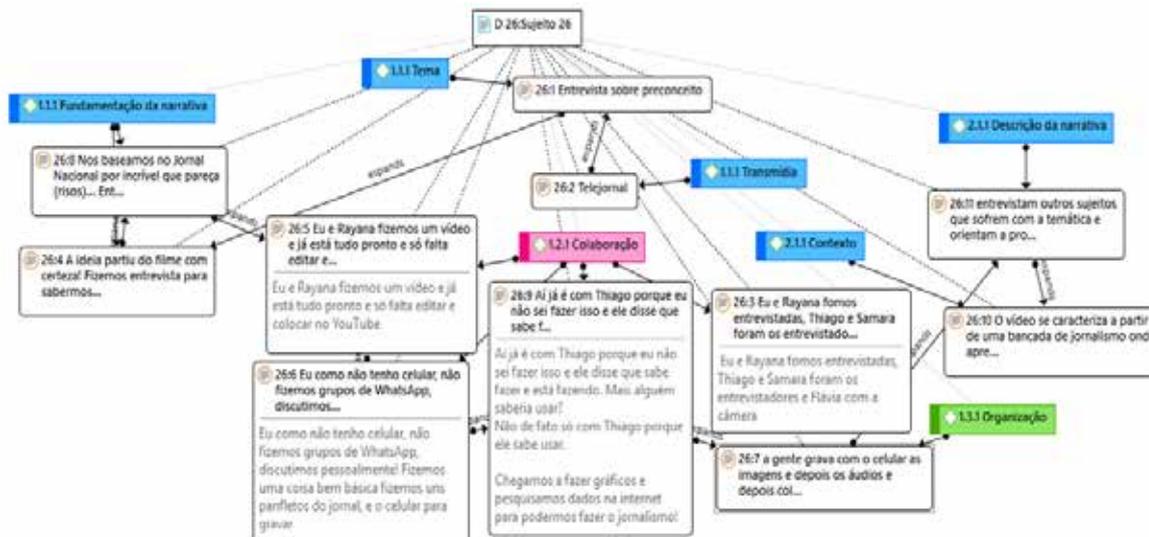
Fonte: Autoria própria, 2019.

Nas falas do sujeito 26 foi possível observar a divisão de tarefas entre os participantes do projeto. Foi possível verificar a cooperação entre eles. Houve divisão de tarefas, sobretudo no que diz respeito à edição do vídeo, como podemos ver no recorte de fala: “aí já é com ‘fulano’, porque eu não sei fazer isso e ele disse que sabe fazer e está fazendo”. Entre as situações ocorridas, foi possível verificar a busca realizada em conjunto

na rede, para enfatizar o discurso. Vejamos: “chegamos a fazer gráficos e pesquisamos dados na Internet para podermos fazer o jornalismo”.

Visualizemos, a seguir, o mapa mental do sujeito 26, para uma melhor compreensão da forma como se dá a colaboração.

Figura 2: Mapa mental do sujeito 26 ao apresentar colaborações - cultura participativa.



Fonte: Autoria própria, 2019.

A explicação para a ausência do uso das redes como forma de comunicação, foi a falta do celular: “eu, como não tenho celular, não fizemos grupos de WhatsApp, discutimos pessoalmente! Fizemos uma coisa bem básica. Fizemos uns panfletos do jornal e o celular para gravar”. Apesar das colaborações ocorrerem entre os sujeitos, destacamos a ação de cada um, como podemos ver: “eu e ‘fulana’ fomos entrevistadas, ‘sicrano’ e ‘beltrano’ foram os entrevistadores e ‘sujeito A’ com a câmera” (SUJEITO 26).

O sujeito 28 também afirmou não ter feito grupo no WhatsApp: “Não fizemos grupos em WhatsApp. Eu e ‘fulano’ meio que se falou e tentei chamar os outros do grupo por outro aplicativo, mas não deu muito certo e ficamos entre ele e eu mesmo”. O sujeito revela que não teve êxito no chamado aos demais participantes, centralizando o trabalho apenas em si e em uma pessoa mais.

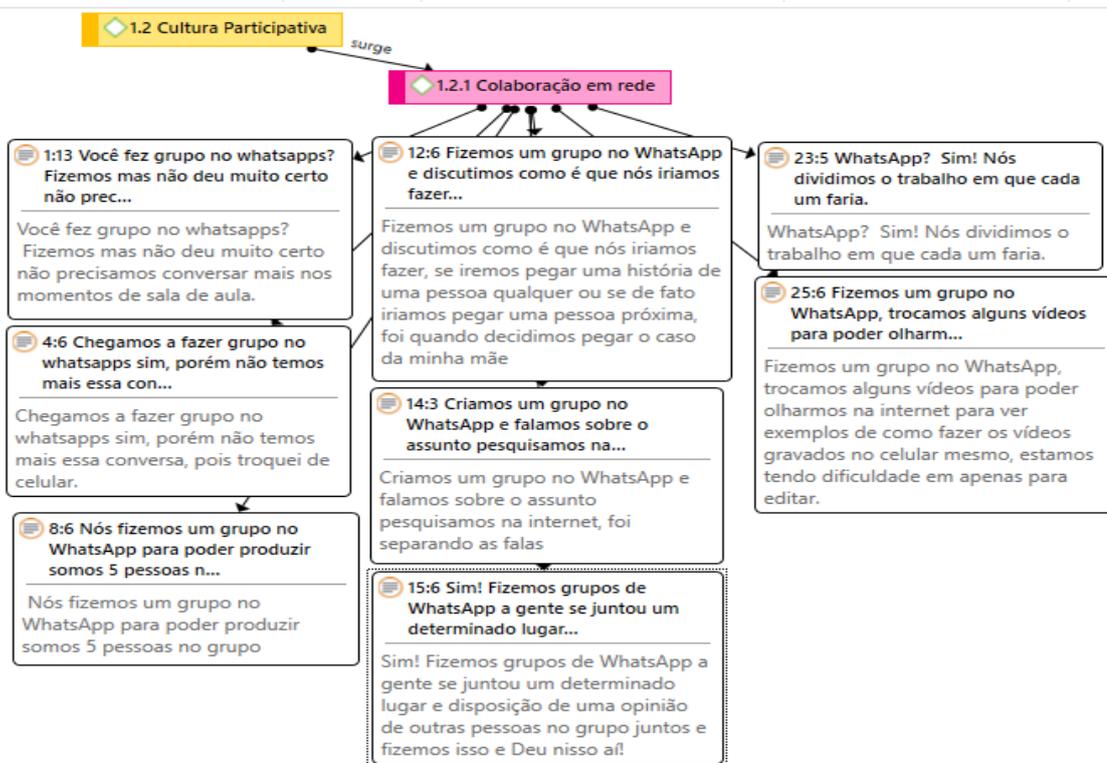
A seguir, discutiremos as cooperações em rede, que surgiram nas interações entre os sujeitos.

Colaborações em rede

Surgiram quando os sujeitos compartilharam responsabilidades a partir de redes sociais para poder construir as NT. Discutimos aquelas que emergiram na categoria da cultura participativa. Na figura 3, apresentamos os discursos dos sujeitos que fizeram aportes através da colaboração em rede.

- Colaborações em rede que emergiram no processo de produção de NT.

Figura 3: Colaborações em rede que emergiram da cultura participativa na produção das NT



Fonte: Autoria própria, 2019.

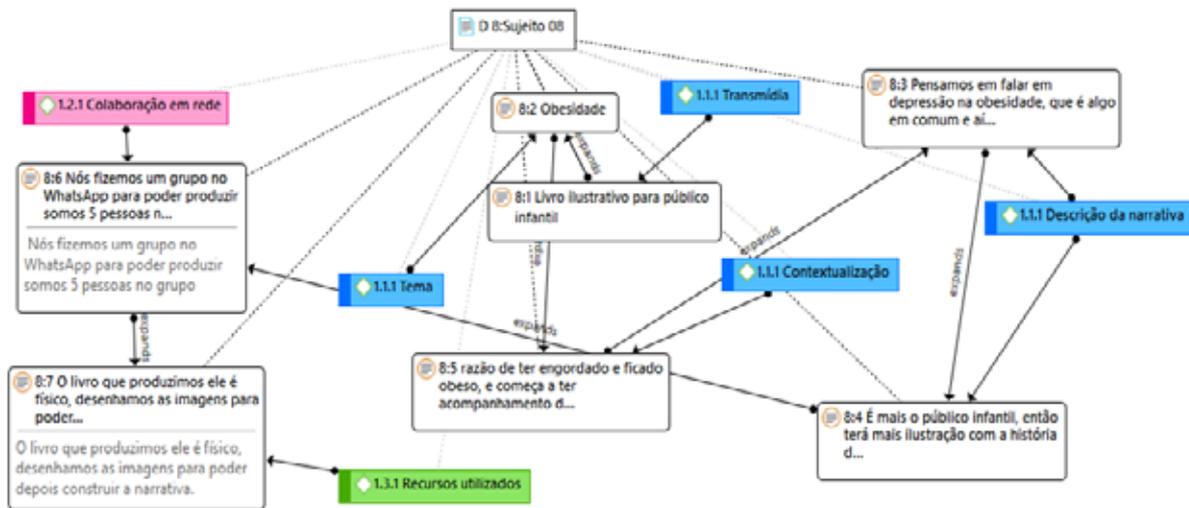
A pluralidade de informações revela formas diferentes de uso das redes sociais para elaborar as NT. É pertinente considerar que 27,5% dos sujeitos adotaram o WhatsApp como ferramenta de participação no planejamento e elaboração das NT.

O sujeito 1 afirmou que fez um grupo no WhatsApp, mas que os participantes sentiram a necessidade de discutir sobre o processo de produção de forma presencial e o espaço físico para isso foi a sala de aula.

O sujeito 4 disse ter feito o grupo para discussão das atividades, mas que não dispunha mais de tais conversas, o que dificultou ao pesquisador realizar análises do que foi discutido, tomando como referência apenas as entrevistas cedidas.

O sujeito 8 revelou em sua NT a proposta de colaboração em rede através do WhatsApp. Para melhor visualização da sua participação em rede, observemos a seguir seu mapa mental.

Figura 4: Mapa mental do sujeito 8 ao apresentar colaborações em rede – cultura participativa



Fonte: Autoria própria, 2019.

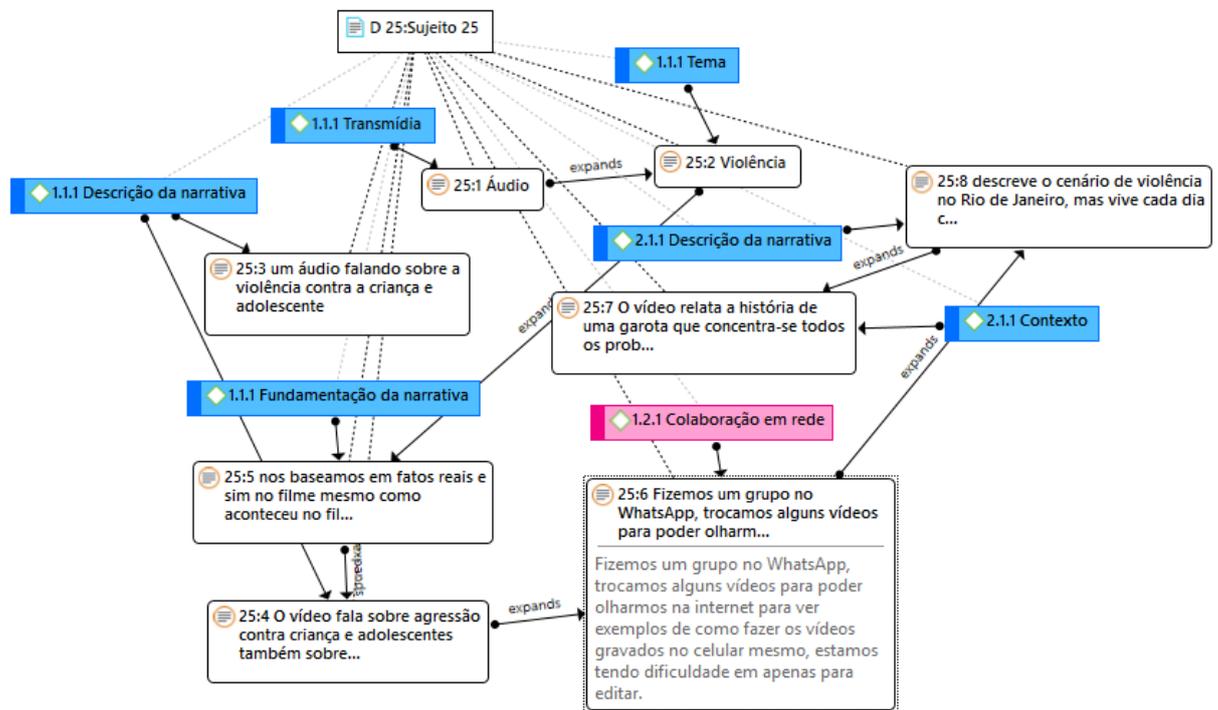
O sujeito 12 revela ter feito um grupo no WhatsApp, onde os participantes discutiram a proposta da NT, ou seja, tomaram esse espaço como referência para a construção da narrativa e decidiram assumir como ponto de partida o caso da mãe de um deles.

O sujeito 14 afirmou ter realizado o grupo de WhatsApp para fins de facilitar a participação, a partir da socialização das informações encontradas, “Criamos um grupo no WhatsApp e falamos sobre o assunto, pesquisamos na Internet, foi separando as falas”.

Apesar das socializações no grupo, que fortaleceram as colaborações, o discurso de pragmatismo se fez presente ao retratar as discussões feitas “para separar as falas”. Ocorreu o mesmo com o sujeito 23. Sua proposta de organização do trabalho no grupo de WhatsApp revelou a divisão de tarefas.

O sujeito 25 indicou ter criado um grupo no WhatsApp onde trocaram informações a partir de consultas na Internet sobre como produzir os vídeos. Para melhor visualização da sua colaboração em rede, observemos na figura 3, o seu mapa mental.

Figura 5: Mapa mental do sujeito 25 ao apresentar colaborações em rede - cultura participativa



Fonte: Autoria própria, 2019.

Em nossas observações, destacamos aportes que foram além do processo de criação das NT, pois ocorreram também socializações na produção e edição dos vídeos, práticas colaborativas inerentes a essa tarefa, que extrapolam a composição das narrativas. Tal compreensão coaduna com o olhar de Lévy (2000), ao afirmar que a cooperação em rede se caracteriza quando somamos o conhecimento construído individualmente, com os que elaboramos coletivamente e compartilhamos socialmente para serem potencializados. Com isso, se valoriza a liberdade dos usuários para reproduzir, aprender, transformar, aperfeiçoar e compartilhar as informações, assim como a partilha de conhecimentos através de debate, dúvidas, inquietações, trocas e diálogos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino e aprendizagem não podem ser dissociados do contexto da cultura digital; a compreensão das dinâmicas de geração do conhecimento é essencial para percebermos como os alunos desenvolvem suas estratégias de aprendizagem. Deste modo, a cultura digital estabelece dinâmicas diferentes para vários elementos do cotidiano: trabalho, lazer,

acesso à informação, entretenimento, comunicação, entre outros, utilizando meios e mídias digitais que alteram o formato e a velocidade das ações e conexões.

A colaboração em rede fica estabelecida quando somamos os conhecimentos construídos de forma individual e coletiva, com o objetivo de criar algo ou de valorizar a liberdade de outros usuários no processo de reprodução, transformação, e de aperfeiçoamento do que já existe. Isso se faz através do compartilhamento de informações, baseadas em pesquisas, debates, trocas, diálogos, próprios da cultura digital.

Os resultados indicam que a produção de NT com os aprendentes do Ensino Médio cuja cultura digital está consolidada, demanda não apenas novas estratégias de aprendizagem, mas também novas abordagens metodológicas para atender a complexidade dos elementos da cultura participativa e da colaboração em rede. Não é possível realizar apenas adaptações no processo de aprendizagem, é necessário que ele seja transformado e ressignificado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. Práticas universitárias e a formação sócio-política. **Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política**, nº 3/4, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CANNITO, Newton. **A televisão digital: interatividade, convergência e novos modelos de q1w4r568+negócios**. São Paulo: Summus, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOSCIOLA, Vicente. A Máquina de Narrativa Transmídia: transmídiação e literatura fantástica. **Revista Comunicación**, nº10, v.1, año 2012, PP.131-139. ISSN 1989-600X

GOSCIOLA, V. Narrativa transmídia: a presença de sistemas de narrativas integradas e complementares na comunicação e na educação. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 13, n. 2, p. 117-126, 11, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.) **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p. ISBN: 978-85-205-0530-4.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MASSAROLO, João Carlos & MESQUITA, Dário. Narrativa Transmídia e a Educação: panorama e perspectivas. Artigo publicado na Revista da UNICAMP – Abr. 2013.

Disponível em:

https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_3.pdf. Acesso em: 2 de Jun. 2018.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dário. Narrativa Transmídia e a Educação: panorama e perspectivas. **Revista Ensino Superior Unicamp. Especial – Novas mídias e o Ensino Superior**, abr., 2013. Disponível em:

https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_3.pdf. Acesso em: 2 jun. 2018. p. 34-42.

MASSAROLO, João Carlos; MESQUITA, Dário. Reflexões teóricas e metodológicas sobre as narrativas transmídia. In: XXIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2014. Belém, **Anais [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em:

[http://www.compos.org.br/biblioteca/reflex%C3%B5este%C3%B3ricasemethodol%C3%B3gicassobreasnarrativastrasm%C3%ADdia\(jo%C3%A3omassaroloedariomesquita2014\)_2241.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/reflex%C3%B5este%C3%B3ricasemethodol%C3%B3gicassobreasnarrativastrasm%C3%ADdia(jo%C3%A3omassaroloedariomesquita2014)_2241.pdf)

MORAES, Maria Cândido. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação**. Campinas: Papyrus, 2015.

MORAN, Jose Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso**. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

RESENDE, Vitor Lopes. A narrativa transmidiática: conceitos e pequenas dissonância. In: VII SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA, 2013. Curitiba, **Anais eletrônicos [...]**. Curitiba: ABCiber, 2013. Disponível em:http://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_5_Entretenimento_Digital/25959arq05638141600.pdf. ISSN 2175-2389.

SCOLARI, Carlos A. 2013. **Narrativas transmedia**: cuando los medios cuentan. Barcelona: Deusto, 2013.

Recebido em: 01/11/2019
Parecer em: 06/02/2020
Aprovado em: 10/03/2020